

Comunicação de Riscos de Desastres: Análise de Percepção de Comunidades¹

Monique Ribeiro Polera SAMPAIO²

Victor MARCHEZINI³

Eloisa Beling LOOSE⁴

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)

Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais (CEMADEN)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo

Estratégias de comunicação de riscos são cruciais para a gestão de riscos de desastres. Este estudo investiga a percepção acerca da comunicação de riscos no Brasil por parte das comunidades. Para conduzir essa análise, distribuímos o questionário online *Percepção e Comunicação de Riscos* por meio da plataforma *SurveyMonkey*, com versões em português e LIBRAS disponíveis, atingindo cerca de 6.300 respostas. Resultados preliminares apontam para a alta incidência de experiência em desastres (66%). As respostas também revelaram um nível frágil de alfabetização midiática. Quando perguntados se todos os usuários de mídias sociais recebem conteúdos similares, uma porcentagem considerável dos respondentes selecionou as opções “Concordo Totalmente” (12%) e “Concordo Parcialmente” (31%), sugerindo um nível limitado acerca da compreensão do funcionamento das plataformas de redes sociais.

Palavras-chave: comunicação de riscos; gestão de riscos de desastres; alfabetização midiática; eventos extremos.

¹ Trabalho apresentado na Sessão Temática Comunicação Pública e Comunicação de Risco, atividade integrante do XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Sistema Terrestre do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (PGCST/INPE) / (Apoio FAPESP - Processo número: 2024/03072-7). e-mail: monique.sampaio@inpe.br

³ Pesquisador no Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais (CEMADEN/MCTI). e-mail: victor.marchezini@cemaden.gov.br

⁴ Docente da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS). e-mail: eloisa.loose@ufrgs.br

Corpo do trabalho

O ano de 2024 foi marcado por eventos extremos e desastres socioambientais de grande proporção no Brasil. Alguns exemplos marcantes são a inundação histórica do Rio Grande Sul ocorrida em maio, que deixou 183 mortes e 79 mil pessoas desabrigadas, afetando 471 dos 497 municípios do estado⁵, e o crescimento de 100% nas queimadas dos biomas Cerrado e Amazônia em relação a 2023 (INPE)⁶, que comprometeu a qualidade do ar em vários municípios brasileiros. Como um exemplo de impacto, entre 09 e 13 de setembro de 2024, a cidade de São Paulo registrou o pior índice de qualidade de ar entre 120 metrópoles do mundo⁷.

Nesse contexto, as possibilidades trazidas pela comunicação de riscos, que está fortemente atrelada à gestão de riscos de desastres, são bastante relevantes nos âmbitos de prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação. O *Questionário de Percepção e Comunicação de Riscos*, estudo que faz parte do projeto COPE (Capacidades Organizacionais de Preparação para Eventos Extremos), apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP/processo número 22/02891-9), tem como objetivo avaliar a percepção acerca da comunicação de riscos pelas comunidades. O instrumento de pesquisa foi lançado no dia 15 de outubro de 2024, por meio da plataforma *SurveyMonkey*, inicialmente com versão em português. No dia 04 de dezembro do mesmo ano, foi também disponibilizada a versão em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

De acordo com dados do PNAD 2022, cerca de 18,6 milhões de brasileiros são pessoas com deficiência⁸. Contudo, muitas vezes as especificidades desse público no âmbito da gestão de riscos de desastres não são suficientemente consideradas. (GOMES. ET. AL 2022). Por esse motivo, tornar o questionário acessível em LIBRAS vai de encontro com o entendimento de que já durante a etapa diagnóstica, as

⁵<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sul/rs/alagamentos-destruicao-e-183-mortes-relembre-a-tragedia-das-chuvas-no-rs-que-marcou-2024/>

⁶<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/09/11/sao-paulo-tem-a-pior-qualidade-do-ar-do-mundo-pelo-terceiro-dia-seguido.ghtml>

⁷ <https://revistapesquisa.fapesp.br/sao-paulo-teve-o-pior-ar-do-mundo-por-cinco-dias/>

⁸https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0a9afaed04d79830f73a16136dba23b9.pdf

especificidades dos diferentes grupos sociais que compõem a população brasileira devem ser colocadas em perspectiva.

O questionário alcançou cerca de 6.300 respondentes na versão em português e 26 na versão em LIBRAS, provenientes de todos os estados brasileiros. Deste total, 58,7% são mulheres e 46,6% estão na faixa etária entre 31 e 50 anos. Além disso, 58% se autodeclararam brancos e 42,3% afirmaram possuir ou estar cursando uma pós-graduação.

O instrumento de pesquisa foi dividido em cinco eixos: características da população, modos de vida, acesso a dispositivos comunicacionais, comunicação de riscos e alfabetização midiática. Todas as seções foram pensadas a partir do entendimento de que o campo da comunicação e seus objetos de estudo são multidimensionais.(BONIN, 2008).

O primeiro eixo, características da população, tem como objetivo compreender o perfil sociodemográfico dos respondentes, o que é relevante na implementação de políticas públicas. Nesse sentido, as perguntas giram em torno da identificação étnico-racial, nível de renda e escolaridade, dentre outras.

Em seguida, o respondente é indagado acerca de seus modos de vida, isto é, de que forma vive a sua rotina, se possui horas de lazer, em que tipo de local passa a maior parte das horas comerciais, com quantas pessoas reside, etc. Esse segundo eixo foi pensado a partir dos dados publicados por Khandekar et.al (2019), que constaram que a maior quantidade de tempo passada dentro de casa fazia com que mulheres tivessem uma maior percepção dos riscos climáticos do que os homens.

Os dois eixos seguintes, acesso a dispositivos comunicacionais e comunicação de riscos, procuram avaliar, primeiramente, o nível de acesso dos respondentes a dispositivos como celular, televisão, computador e rádio, por exemplo. Ainda, o respondente é indagado acerca da frequência com qual recebe notícias e demais conteúdos sobre desastres socioambientais, além de demais questões a respeito dos meios, canais e formatos pelos quais recebem informações sobre desastres.

Ao final do questionário está colocado um teste rápido de alfabetização midiática, conceito que, para os termos de estudo, corresponde não apenas ao

conhecimento técnico de funcionamento e utilização de um meio, mas também no situar o indivíduo dentro do ambiente midiático no qual está inserido(a) (MARTINO E MENEZES, 2012). Sendo assim, avalia-se a capacidade de analisar criticamente os conteúdos que circulam nas redes sociais, bem como uma compreensão acerca de seus respectivos funcionamentos.

Alguns dados preliminares apontam para uma alta incidência de experiência com desastres socioambientais: 66,3% dos respondentes afirmaram já ter vivido ao menos um desastre socioambiental ao longo da vida. Entre os que responderam afirmativamente, as inundações (56,7%) e as ondas de calor (46,3%) foram as mais frequentes. Ainda, 51% dos respondentes afirmaram ter vivido um desastre no último ano.

Em termos de acesso a dispositivos, quase a totalidade dos respondentes declararam possuir um telefone celular (99,7%), sendo o *Whatsapp* o meio pelo qual mais recebem notícias e conteúdos informativos (34,8%). Ainda, 48,7% disseram receber com frequência (uma vez por semana ou mais) conteúdos sobre desastres socioambientais.

Diferentemente das outras seções, o eixo de alfabetização midiática faz uso da escala Likert. Quando perguntados se todos os usuários de mídias sociais recebem conteúdos similares, uma porcentagem considerável dos respondentes selecionou as opções “Concordo Totalmente” (12%) e “Concordo Parcialmente” (31%), sugerindo um nível limitado acerca da compreensão e do funcionamento das plataformas de redes sociais e seus respectivos algoritmos.

As reflexões a serem feitas a partir dos dados levantados pelo questionário de *Percepção e Comunicação de Riscos* são inúmeras, e merecem aprofundamento por meio de debates entre os pares. Por esse motivo, compreendemos que a Sessão Temática Comunicação Pública e Comunicação de Risco do XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas, da Abrapcorp, será um espaço importante para a realização desse tipo de troca, uma vez que uma das propostas da Sessão é justamente explorar as diferentes formas de comunicação de

risco, considerando temas de interesse público que afetam a vida coletiva, inclusive com foco na gestão de riscos⁹.

Referências

1.1 Artigos

BONIN, J.A. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 37, p. 200-210, dez. 2008.

GOMES, G., MARCHEZINI, V. & SATO, M. (In)visibilities About the Vulnerabilities of People with Visual Impairments to Disasters and Climate Change: A Case Study in Cuiabá, Brazil. *Int J Disaster Risk Sci* 13, 38–51 (2022).

KHANDEKAR, N.; GORTI, G. BHADWAL, S.; RIJHWANI, V. Perceptions of climate shocks and gender vulnerabilities in the Upper Ganga Basin. *Environmental Development*, v. 31, p. 97-109, 2019. DOI: 10.1016/j.envdev.2019.02.001. Recebido em 7 ago. 2018; aceito em 13 fev. 2019.

MARTINO, L.M.S; MENEZES, J.E de O. Media Literacy: competências midiáticas para uma sociedade midiaticizada. *Líbero*, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-18, jun. 2012.

1.2 Links

CNN BRASIL. Alagamentos, destruição e 183 mortes: relembre a tragédia das chuvas no RS que marcou 2024. *CNN Brasil*, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sul/rs/alagamentos-destruicao-e-183-mortes-relembre-a-tragedia-das-chuvas-no-rs-que-marcou-2024/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

GAMA, Rafaela. São Paulo é a metrópole com pior qualidade do ar do mundo pelo segundo dia seguido. *O Globo*, 10 set. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/09/10/sao-paulo-e-metropole-com-pior-qualidade-do-ar-do-mundo-pelo-segundo-dia-seguido.ghtml>. Acesso em: 13 mar. 2025.

PESQUISA FAPESP. FAPESP. São Paulo teve o pior ar do mundo por cinco dias. *Revista Pesquisa FAPESP*, 2024. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/sao-paulo-teve-o-pior-ar-do-mundo-por-cinco-dias/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022
<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>

⁹ <https://drive.google.com/file/d/1Kveqlv8Alca63KVThRyChslPHpxrNC5U/view>